

**MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NO ESTADO DO AMAPÁ
REFERENTE AO CAMPO SEMÂNTICO “HABITAÇÃO”**

**LEXICAL MAPPING OF SPOKEN PORTUGUESE IN THE STATE OF AMAPÁ
REFERRING TO THE SEMANTIC FIELD “HABITAÇÃO”**

Matheus Gomes dos Santos¹

Universidade do Estado do Amapá

Mônica dos Santos Carvalho²

Universidade do Estado do Amapá

Romário Duarte Sanches³

Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever, mapear e analisar a variação lexical do português falado em dez localidades do Estado do Amapá, a partir do campo semântico-lexical *habitação*. A pesquisa está situada no campo da Dialectologia e da Geolinguística Moderna, encarregada de analisar a variação e o surgimento de novas variedades linguísticas através de cartas que mapeiam as áreas dialetais, considerando os fatores sociais e linguísticos (CARDOSO, 2010). A metodologia desta pesquisa segue os parâmetros adotados pelo projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, que considerou 10 pontos de inquérito e a seleção de 40 informantes que responderam ao questionário semântico-lexical (QSL) aplicado *in loco*. Os dados coletados foram organizados por meio do *software* de planilhas *Excel* e, em seguida, foram produzidos os mapas lexicais com apoio do *software* de *designer* gráfico *Inkscape*. Os itens analisados foram: 141 – *fuligem*, 142 – *borralho* e 143 – *interruptor de luz*. Como resultado, obtivemos para o item *fuligem* as variantes: *tisna*, *fumaça*, *fuligem*, *cinza*, *fumeiro* e *pretura*. Para o item *borralho*, obtivemos as variantes: *cinza*, *brasa*, *borralho* e *carvão*. Já para o item *interruptor de luz*, obtivemos as variantes: *interruptor*, *tomada*, *disjuntor*, *benjamim*, *apagador*, *receptor*, *contato*, *liga-e-desliga* e *peteco*.

Palavras-chave: Dialectologia; Geolinguística; Léxico; ALAP.

Abstract: This work aims to describe, map and analyze the lexical variation of spoken Portuguese in ten locations in the state of Amapá, based on the semantic-lexical field of habitation. The research is situated in the field of Dialectology and Modern Geolinguistics, which is responsible for analyzing

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Letras - Francês pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, e-mail: matheusgo23571@gmail.com.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Português pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, e-mail: monicayosantos@gmail.com.

³ Doutor em Letras - Linguística, Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Macapá, Amapá, e-mail: romariodsanches@gmail.com.

variation and the emergence of new linguistic varieties through charts that map dialectal areas, taking social factors into account (CARDOSO, 2010). The methodology of this research follows the parameters adopted by the Linguistic Atlas of Amapá - ALAP project, which considered 10 survey points and the selection of 40 informants who answered the semantic-lexical questionnaire (QSL) applied in loco. The data collected was organized using Excel spreadsheet software and then lexical maps were produced using Inkscape graphic designer software. The items analyzed were: 141 – *fuligem*, 142 – *borralho* and 143 – *interruptor de luz*. As a result, we obtained the following variants for the *fuligem* item: *tisna*; *fumaça*, *fuligem*, *cinza*, *fumeiro* and *pretura*. For the *borralho* item, we obtained the *cinza* variants, *brasa*, *borralho*, *carvão*. As for the variants for the *interruptor de luz* item, we obtained the *interruptor* variants, *tomada*, *disjuntor*, *benjamim*, *apagador*, *receptor*, *contato*, *liga-e-desliga* and *peteco*.

Keywords: Dialectology; Geolinguistics; Lexicon; ALAP.

Submetido em 14 de janeiro de 2024.

Aprovado em 13 de maio de 2024.

Introdução

A língua em uso é um sistema complexo e heterogêneo, em outras palavras, possui diferentes ramificações que são denominadas de variedades linguísticas. No que diz respeito à área da linguística descritiva que estuda os dialetos, de acordo com Suzana Cardoso, “a Dialectologia é a ciência encarregada de mapear, descrever e analisar as variedades linguísticas ocorrentes em um determinado espaço geográfico a partir de mapas linguísticos” (CARDOSO, 2010, p.15).

No Brasil, a Dialectologia desenvolve-se por meio do método da Geolinguística Moderna, considerando o nível de variação condicionado através de fatores extralinguísticos no qual o falante está inserido, isto é, aspectos diatópico, diastrático, diassexual, diageracional, diafásico, diamésico, dialingual e diarreligioso⁴.

A história da Geolinguística no Brasil tem início em 1826, com Visconde da Pedra Branca, no qual teve como objetivo comparar e evidenciar a distinção da língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil. No ano de 1920, Amadeu Amaral publica a sua obra *O dialeto caipira*, com o propósito de evitar a estigmatização e exclusão dos falares ante a linguagem mais conservadora. Dois anos depois, em 1922, Antenor Nascentes publica o seu trabalho *O*

⁴ Entre as pesquisas que consideram a religião como um dos fatores para a variação linguística, vale ressaltar a dissertação de mestrado, intitulada “Macroanálise Pluridimensional da Variação de <gurke/kummer> e <pfirsich/pesch> como Indicadores de Normatividade e/ou Dialetoalidade do Hunsrückisch” (2017), da professora Michele Schneiders

Linguajar Carioca, no qual o autor afirma haver variação da língua portuguesa nas diferentes regiões do Brasil. O anseio em criar um atlas que englobasse todo o território nacional era recorrente em boa parte dos dialetólogos brasileiros, e, apoiado legalmente, através do Decreto nº 30.643, foi instituído que o Centro de Pesquisa da Casa de Ruy Barbosa tinha o apoio para a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*.

A trajetória da Dialectologia brasileira está dividida em cinco fases (Sá, 2020) que caracterizam os primeiros estudos até os dias atuais. Esses momentos da Dialectologia são compostos por atlas de característica regional, que abrange uma unidade federativa, tendo como exemplo o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS, 2011); estaduais, os quais compreendem a variação linguística apenas em um Estado federativo do país, tal como o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP, 2017); de pequeno domínio, que são atlas produzidos de forma mais específica em uma microrregião, a título de exemplo é válido citar o Atlas Geossociolinguístico de Londrina (2012), produzido por Valter Pereira Romano em sua dissertação de mestrado; e atlas desenvolvidos em comunidades tradicionais, que possuem o objetivo de evidenciar os falares em comunidades formadas por pescadores, indígenas e quilombolas, como o Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá (ALIKAP, 2020). No que tange ao estado atual da Geolinguística brasileira, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)⁵ veio a se desenvolver em 1996 e, em 2014, concretizou-se com os volumes I e II publicados.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo descrever, mapear e analisar as variantes lexicais referente ao campo semântico-lexical *habitação* encontradas na fala dos moradores do Estado do Amapá – localizado na região Norte do Brasil. O *corpus* desta pesquisa faz parte do banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017) que utiliza o mesmo aparato teórico metodológico do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, considerando as dimensões diatópica, diassexual e diageracional. Como método de pesquisa, o ALAP selecionou 40 informantes, distribuídos igualmente nos pontos de inquéritos do Estado do Amapá: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jari, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário semântico-lexical (QSL) desenvolvido pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do

⁵ O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é a obra referência no que se refere aos estudos dialetológicos no Brasil, sendo um trabalho que reúne dados linguísticos de todas as capitais do país, com o intuito de compreender a variação fonético-fonológica, semântico-lexical, morfossintática, pragmática e metalinguística.

Brasil (Comitê Nacional do ALiB, 2001). Para esta pesquisa, selecionamos três perguntas do campo semântico *habitação*: 171 – *fuligem*, 172 – *borralho* e 175 – *interruptor*.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de apresentar a variação lexical para o campo semântico *habitação* que ainda não foi estudada pelo Projeto ALAP. Os itens lexicais estão enumerados de acordo com a sequência das cartas que estão sendo mapeadas pela equipe ALAP, sendo elas: Carta 140 - *fuligem*, Carta 141 - *borralho* e Carta 142 - *interruptor de luz*.

Sendo assim, o presente artigo está organizado em quatro seções: a primeira seção apresenta o surgimento e o caminho percorrido pela Dialectologia e Geolinguística no Brasil, abordando as suas fases (Sá, 2020). Na sequência, a segunda seção trata sobre a formação do Projeto Atlas Linguístico do Amapá até o atual momento. Em seguida, a terceira seção aborda os aspectos metodológicos presente nesta pesquisa. Para a quarta seção destacamos a análise diatópica, diassexual e diageracional dos itens lexicais investigados. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os trabalhos desenvolvidos pelo Projeto Atlas Linguístico Fase III.

1. Dialectologia e Geolinguística no Brasil em cinco fases

Cardoso (2010, p.15) conceitua a Dialectologia Pluridimensional como uma vertente da linguística descritiva que tem como principal objetivo identificar, descrever e situar os diferentes falares de uma língua em sua distribuição geográfica, considerando a interação sociocultural dos falantes e o fator cronológico. Desta forma, a Dialectologia é uma ciência que analisa a língua considerando a perspectiva diatópica e os fatores sociolinguísticos que podem eventualmente condicioná-la ou modificá-la. É a partir dos estudos dialetológicos que esses aspectos de variação se relacionam nas diferentes áreas dialetais, comprovando a presença ou a ausência desse fenômeno.

O conjunto de dialetos constituem a uma variedade ou mais variedades que compõem um determinado sistema linguístico abstrato denominado de língua. O estudo das variedades tem o papel fundamental de descrever e comparar as eventuais variantes linguísticas, entretanto, até mesmo a ausência de dados – quando não há respostas ou variação – são importantes para a compreensão da análise, tendo em vista que os fatores sociais podem justificar a ausência de variação linguística.

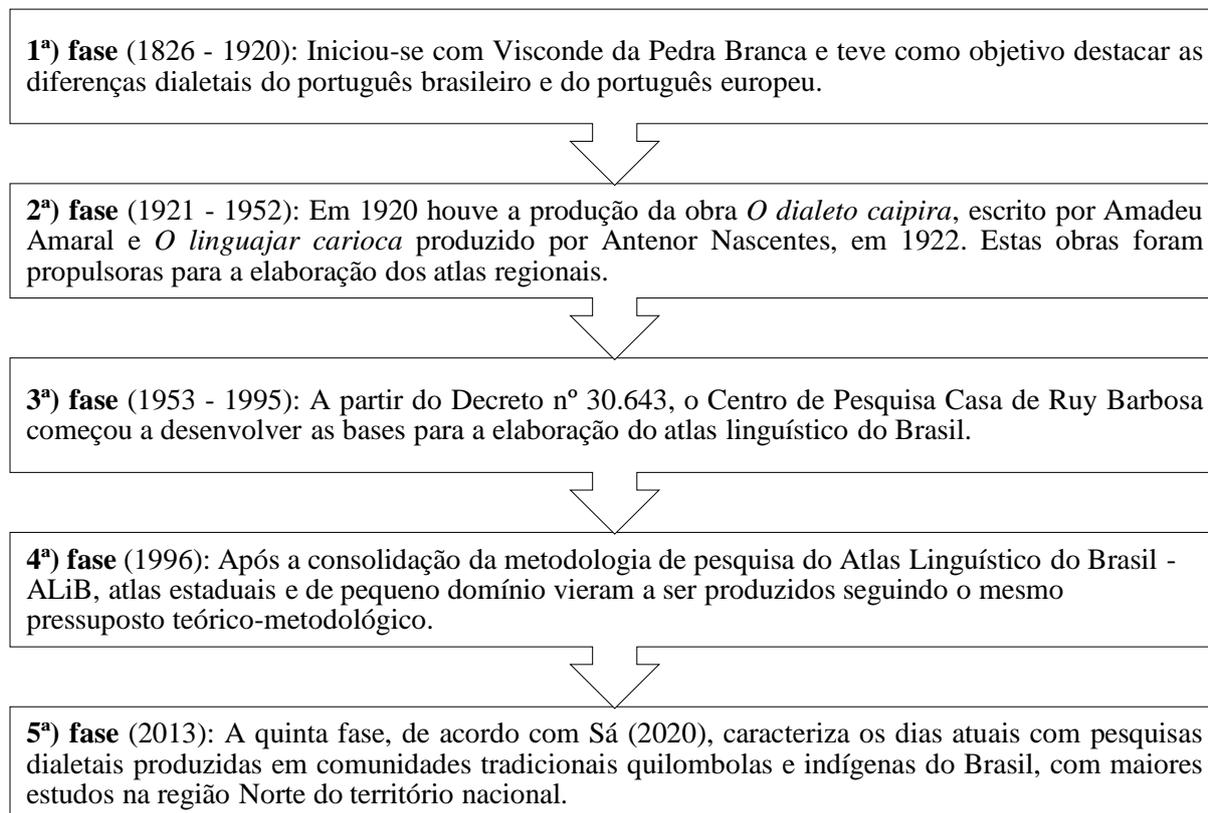
Em seu princípio, a Geografia linguística ou Geolinguística surge como um método de pesquisa específico da Dialetoologia Tradicional que tem como principal objetivo mapear as áreas dialetais a partir de mapas linguísticos diatópicos. Entretanto, na atual perspectiva, a Geolinguística tornou-se pluridimensional, visto que seus mapas carregam aspectos socioculturais a respeito dos informantes como sexo, idade, escolaridade etc. (Romano, 2013, p. 219). Desta forma, para chegarmos a concretização da cartografia linguística, devemos seguir seis etapas: (1) seleção dos pontos de inquérito; (2) elaboração do questionário; (3) seleção dos informantes; (4) coleta de dados; (5) sistematização dos dados; (6) cartografia e (7) descrição dos mapas.

A aplicação do método Geolinguístico no Brasil foi sistematizado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, de acordo com as dimensões e especificidades do território brasileiro. Essa padronização serviu como base e referência para a criação de novos atlas regionais, de pequeno domínio e em comunidades tradicionais.

Vale lembrar que os estudos dialetais no Brasil surgiram a partir da expansão da Dialetoologia na Europa. Na conferência realizada na França, em 1888, intitulada *os Falares da França*, Gaston Paris discursou sobre a necessidade de realizar pesquisas e catalogação dos *patois*⁶ franceses e, depois desse incentivo, Jules Gilliéron junto com Edmond Edmont vieram a publicar o *Atlas Linguístico da França - ALF* (1902-1910).

No Brasil, atualmente, a Dialetoologia pode ser dividida em cinco fases, conforme esquema abaixo:

⁶ Dialetos que compõem a língua francesa e que estavam se perdendo, visto que, na visão dos gramáticos, eram falares estigmatizados e marginalizados.

Esquema 1: Fase da Dialectologia no Brasil

Fonte: Esquema elaborado pelos autores conforme Cardoso (2010) e Sá (2020).

O ano de 1826 se caracteriza como o primeiro momento da Dialectologia no Brasil, com o trabalho de Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca que, com o pedido do geógrafo italiano Adrien Balbi, veio a publicar o trabalho intitulado *Les différences qui le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à la langue du Portugal*. Essa pesquisa teve como objetivo fazer uma análise comparativa entre as variedades linguísticas do Brasil e de Portugal.

O início da segunda fase é marcado pela obra de Amadeu Amaral *O dialeto Caipira* (1920). O pesquisador sempre demonstrou preocupação em coletar dados dialetais do português brasileiro e chamou a atenção dos linguistas para a criação de uma metodologia específica de pesquisa, visto que o seu grande desejo era a realização de estudos dialetais regionais no Brasil. Dois anos depois, Antenor Nascentes publicou a sua pesquisa denominada *O linguajar carioca* (1953), preocupado em compreender as variedades linguísticas do Brasil a partir do falar carioca.

As duas primeiras fases mencionadas foram propostas por Nascentes, mas Suzana Cardoso (2010) apresentou uma terceira fase com destaque para os estudos de natureza regional de Serafim da Silva Neto, além da promulgação do decreto de nº 30.643, de 20 de março de 1952, que instituiu o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa com o principal objetivo de iniciar a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*.

Após a publicação de diversos atlas regionais, entre os anos de 1960-1990, o Comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em novembro de 1996, aprovou a elaboração de um atlas nacional, assim, destacamos o início da quarta fase.

Em 2001, o ALiB apresentou suas bases metodológicas com os seguintes objetivos: “descrever a realidade linguística do Brasil; oferecer ferramentas aos linguistas e estudiosos; estabelecer isoglossas da divisão dialetal do Brasil e contribuir para o entendimento da língua portuguesa” (CARDOSO *et al.*, 2014, p.23). Depois da formalização de um Comitê composto por linguistas especialistas na área e aplicar a metodologia Geolinguística adotada para o ALiB, os primeiros resultados desta pesquisa foram publicados em 2014 e, atualmente, a sua metodologia é referência para a publicação de atlas regionais, estaduais e de pequeno domínio.

Com o desenvolvimento dos atlas de natureza regional e de pequeno domínio, os linguistas, preocupados em catalogar a diversidade linguística de comunidades tradicionais que compõem o Brasil, iniciaram estudos em comunidades formadas por indígenas, quilombolas e pescadores etc. Esses trabalhos, segundo Sá (2020), caracterizam a quinta fase da Dialetologia brasileira.

2. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP

Entre as diversas pesquisas dialetais produzidas na região Norte, está o Projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP que foi criado no ano de 2010, vinculado ao grupo de pesquisa ALAP, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. O ALAP utiliza os mesmos parâmetros metodológicos do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, possibilitando a intercomparação dos dados. Atualmente, o ALAP encontra-se dividido em três fases:

A primeira fase constitui-se com a criação do Grupo de Pesquisa ALAP no ano de 2010, a elaboração do projeto de pesquisa e o treinamento do grupo de inquiridores para que fosse realizada a coleta e a análise de dados. Essa fase encerra com a publicação do primeiro volume do *Atlas Linguístico do Amapá* publicado no ano de 2017.

A **segunda fase** constitui-se com a divulgação de inúmeros trabalhos publicados a partir do banco de dados do ALAP. Entram nessa lista artigos, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado (SANCHES, RIBEIRO, 2018; SANCHES, 2021).

A **terceira fase**, em andamento, tem como principal objetivo analisar os itens lexicais que não foram publicados no primeiro volume, além de mapear e descrever 178 itens lexicais que ficaram pendentes. Esta fase, ainda conta com a participação de estudantes vinculados aos grupos de pesquisa do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (UNIFAP) e do grupo de pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade - LINLIS (UEAP). O Projeto ALAP pretende com estas novas cartas uma futura publicação do *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, volume II*, proporcionar novas pesquisas acadêmicas.

Destaca-se ainda, sobre a primeira edição do Atlas Linguístico do Amapá, que foram publicadas no total de 119 cartas linguísticas, sendo 16 mapas fonéticos, 73 mapas lexicais e 30 mapas estratificados sobre a variedade linguística do português amapaense. A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos desta pesquisa, como a seleção dos pontos de inquérito, o perfil dos informantes e o tratamento dos dados para cartografia linguística.

3. Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa segue os mesmos procedimentos adotados para o Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) que se desenvolveu a partir do método Geolinguístico (Cardoso, 2010), tendo como referência o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (Cardoso *et al.*, 2014).

Conforme Razky, Ribeiro e Sanches (2017), após uma seleção minuciosa, foram consideradas dez localidades para constituírem a rede de pontos do ALAP de acordo com a sua densidade demográfica, baixo fluxo de migração e historicidade local. As cidades selecionadas foram: (01) Macapá; (02) Santana; (03) Mazagão; (04) Laranjal do Jari; (05) Pedra Branca do Amapari; (06) Porto Grande; (07) Tartarugalzinho; (08) Amapá; (09) Calçoene e (10) Oiapoque.

Para escolha dos informantes foi realizada uma triagem para que fossem escolhidos apenas os que se adequassem ao perfil da pesquisa, isto é, de acordo com os seguintes critérios, conforme Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 307) apresentam:

- a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro Estado ou Região por mais de um ano; d) ter nível de instrução escolar variando de

analfabeto ao Ensino Fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

Foram selecionados 40 informantes divididos de maneira igualitária dentre as dez localidades do Estado. Com isso, a divisão por ponto de inquérito foi de quatro informantes considerando idade e sexo. Destes quatro colaboradores encontram-se dois informantes um homem e uma mulher de 18-30 anos e mais dois informantes, homem e mulher, de 50-75 anos.

Tabela 1: Perfil dos informantes

Pontos de inquérito (localidades)	Sexo masculino (18-30 anos)	Sexo feminino (18-30 anos)	Sexo masculino (50-75 anos)	Sexo feminino (50-75 anos)	Nº total
01. Macapá	01	01	01	01	04
02. Santana	01	01	01	01	04
03. Mazagão	01	01	01	01	04
04. Laranjal do Jari	01	01	01	01	04
05. Pedra Branca do Amapari	01	01	01	01	04
06. Porto Grande	01	01	01	01	04
07. Tartarugalzinho	01	01	01	01	04
08. Amapá	01	01	01	01	04
09. Calçoene	01	01	01	01	04
10. Oiapoque	01	01	01	01	04

Fonte: Elaborados pelos autores.

Para a atual fase do Projeto ALAP, fase III, estamos utilizando apenas os dados referentes à aplicação do questionário semântico-lexical (QSL), formulado pela equipe do Projeto ALiB (Comitê Nacional, 2001). Nosso foco é analisar os itens lexicais pendentes, ou seja, aqueles não publicados no primeiro volume do ALAP. Para esta pesquisa foram investigados três itens do campo semântico-lexical *habitação*, a questão 171 (como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?), 172 (como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?) e 175 (como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?).

Para coleta *in loco*, a equipe ALAP utilizou um gravador de voz, com capacidade de armazenamento de áudios em formato MP3. A organização dos dados foi realizada com o auxílio do *software* de planilhas *Excel*, utilizado para fazer a contagem de ocorrências, os gráficos de frequência geral e por localidade, identificando a presença ou ausência de variantes lexicais. A utilização de tabelas e gráficos ajudaram na análise da variação diatópica, diassexual

e diageracional⁷. Ao final da análise, esses dados foram adicionados ao *software* de *design* gráfico *Inkscape* para a produção dos mapas lexicais que serão apresentados na próxima seção.

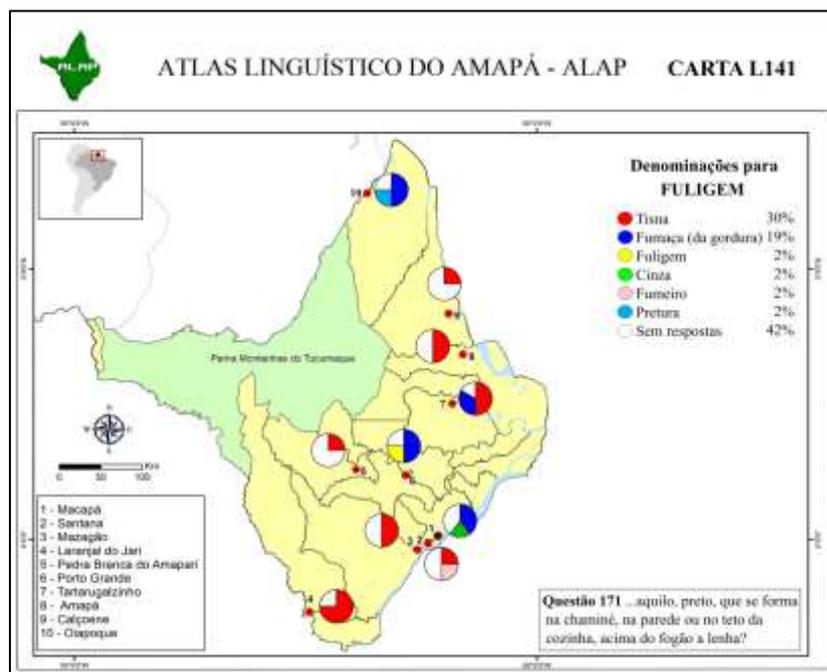
4. Variantes lexicais para o campo semântico-lexical "habitação"

Nesta seção apresentamos as variantes lexicais encontradas para o campo semântico *habitação*. Inicialmente, será apresentado o mapeamento linguístico das cartas 141 – *fuligem*, 142 – *borrvalho* e 143 – *interruptor de luz*, em seguida a descrição e análise das variantes mapeadas conforme a localização, sexo e faixa etária dos informantes.

4.1. Variação lexical para *fuligem*

O primeiro item analisado buscou saber como os amapaenses denominam o item lexical *fuligem*. As variantes encontradas foram: *tisna*, *fumaça (da gordura)*, *fuligem*, *cinza*, *fumeiro* e *pretura*. A carta 141 – *fuligem* também apresentou uma porcentagem alta para a ausência de respostas. No Figura 1 é possível observar com mais detalhes.

Figura 1 - Carta L141 - Item lexical *fuligem*



Fonte: Elaborado pelos autores.

⁷ Diatópica é a variação por localidade entre os informantes, já diasssexual refere-se ao sexo do informante e diageracional à variação relacionada à faixa etária do informante (Carlos, 2022).

A Figura 1 mostra que as variantes encontradas nas dez localidades do Amapá foram: *tisna* com 13 ocorrências (30%), *fumaça (da gordura)* com oito ocorrências (19%), *fuligem* (2%) *cinza* (2%), *fumeiro* (2%) e *pretura* (2%) ambas com uma ocorrência. Além destes dados, foram encontradas 18 ausências de respostas (42%). A variante predominante foi *tisna* com ocorrências em sete localidades, com exceção dos pontos 1 (Macapá), 6 (Porto Grande) e 10 (Oiapoque). A variante *fumaça (da gordura)* teve ocorrências nos pontos 1 (Macapá), 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque). As demais variantes ocorrem apenas uma vez, em pontos distintos. A falta de resposta para o item lexical investigado teve grande ausência, visto que em todas as dez localidades houve desconhecimento para responder ao questionário, sendo a porcentagem maior nas localidades 5 (Pedra Branca do Amapari) e 9 (Calçoene). Em contraste com este fato, no ponto 7 (Tartarugalzinho) houve menor ausência na falta de resposta, além disso, foi o único município que apresentou a presença das duas variantes mais conhecidas no Estado (*tisna* e *fumaça*). Desta forma, é possível inferir que este item lexical *fuligem* não está tão presente no cotidiano dos falantes entrevistados, pois o uso do fogão a lenha está deixando de ser utilizado pelos moradores de zona urbana do Estado do Amapá.

Em relação à descrição da variação diasssexual e diageracional, a Tabela 2 mostra que as variantes mencionadas são divididas equitativamente de acordo com a distribuição por sexo (homem e mulher) e por idade (18-30 e 50-75 anos).

Tabela 2 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Tisna	6	46%	7	54%	6	46%	7	54%
Fumaça	1	12%	7	88%	4	50%	4	50%
Fuligem	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Cinza	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%
Fumeiro	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Pretura	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Sem respostas	11	61%	7	39%	10	56%	8	44%

Fonte: Elaborado pelos autores.

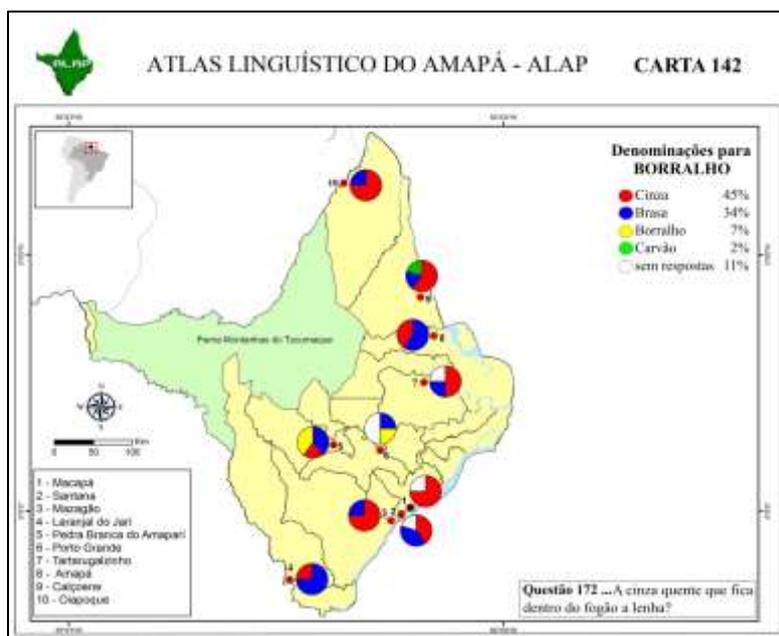
Na Tabela 2, a variante *tisna* esteve presente na fala dos homens (seis ocorrências) e das mulheres (sete ocorrências), assim como entre os falantes do grupo A (seis ocorrências) e grupo B (sete ocorrências). Em relação a variante *fumaça (da gordura)*, houve maior predominância entre as mulheres (sete ocorrências) em comparação aos homens (uma ocorrência). No que tange grupos por faixa etária, a variante se fez presente entre os falantes

do grupo A e B na mesma proporção (quatro ocorrências). *Fuligem* ocorreu uma vez na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A. Quanto a variante *Cinza*, nós objetivamos apenas uma nomeação na fala de uma informante do sexo feminino que pertence ao grupo A. *Fumeiro* e *pretura* são variantes que ocorrem apenas uma vez na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo B. No tocante a ausência de variantes, nós coletamos a falta de respostas na fala dos homens (11 ocorrências) e das mulheres (sete ocorrências), assim como entre os falantes do grupo A (dez ocorrências) ao contrapor com o grupo B (oito ocorrências).

4.2 Variação lexical para *borralho*

A carta 142 – *borralho* é o segundo item mapeado e analisado. As variantes encontradas no Estado do Amapá foram: *cinza*, *brasa*, *borralho* e *carvão*, conforme pode ser observado no Figura 2.

Figura 2 - Carta L142 - Item lexical *borralho*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 2 é possível observar que para a carta 142 – *borralho* foram encontradas as variantes: *cinza* com 20 ocorrências (45%), *brasa* com 15 ocorrências (34%), *borralho* com três ocorrências (7%), *carvão* com uma ocorrência (2%) e *sem respostas* com cinco ausências (11%). A variante *cinza* está presente na maioria dos pontos de inquéritos, com exceção do

ponto 6 (Porto Grande) e com menos frequência nos pontos 4 (Laranjal do Jari) e 5 (Pedra Branca do Amapari). Acerca da variante *brasa*, a sua predominância ocorreu nos pontos 4 (Laranjal do Jari) e 8 (Amapá), havendo ocorrência na maioria dos pontos, com exceção do ponto 1 (Macapá). No que corresponde a variante *borralho*, a sua presença ocorre somente nos pontos 5 (Pedra Branca do Amapari) e 6 (Porto Grande), duas localidades próximas geograficamente. Com relação a variante *carvão*, nós identificamos apenas uma menção na localidade 9 (Calçoene). E com relação à ausência de variantes, as faltas de respostas ocorreram nos pontos 1 (Macapá), 2 (Santana), 6 (Porto Grande) e 7 (Tartarugalzinho).

A Tabela 3 apresenta a descrição da variação diasssexual e diageracional.

Tabela 3 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Cinza	8	40%	12	60%	4	20%	16	80%
Brasa	9	60%	6	40%	11	73%	4	27%
Borralho	2	67%	1	33%	1	33%	2	67%
Carvão	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Sem respostas	2	40%	3	60%	3	60%	2	40%

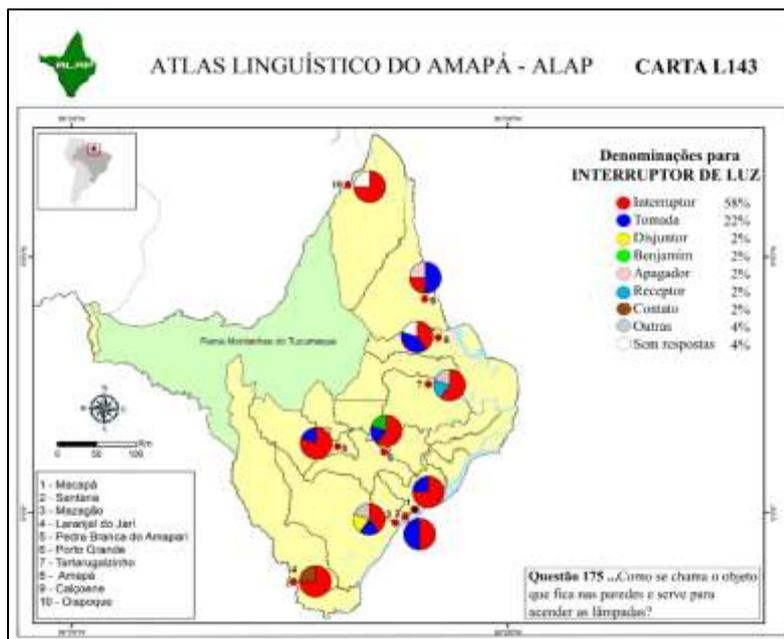
Fonte: Elaborado pelos autores.

A variante *cinza* tem maior ocorrência na fala das mulheres (12 ocorrências) em comparação com os homens (oito ocorrências), além de haver maiores registros entre os falantes do grupo B (16 ocorrências) em relação ao grupo A (quatro ocorrências). Para a variante *brasa* a aparição foi maior entre os homens (nove ocorrências) e menor entre as mulheres (seis ocorrências), além de ter predominância entre o grupo A (11 ocorrências) em relação ao grupo B (quatro ocorrências). Com relação à variante *Carvão*, nós detectamos apenas uma presença na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A. Em referência à ausência de dados, a falta de respostas se fez presente na fala dos homens (duas ocorrências) e das mulheres (três ocorrências), assim como na fala dos informantes do grupo A (três ocorrências) e do grupo B (duas ocorrências).

4.3. Variação lexical para *interruptor de luz*

A carta 143 – *interruptor de luz* teve as seguintes variantes ocorrentes na fala dos informantes amapaenses: *interruptor*, *tomada*, *disjuntor*, *benjamim*, *apagador*, *receptor* e *contato* e *outras* (*liga-e-desliga* e *peteco*), conforme pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 - Carta L143 - Item lexical *interruptor de luz*



Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível observar que a carta 142 – *interruptor de luz* apresentou as variantes *interruptor* com 26 ocorrências (58%), *tomada* com dez ocorrências (22%); *disjuntor* (2%), *benjamim* (2%), *apagador* (2%), *receptor* (2%) e *contato* (2%) tiveram apenas uma ocorrência. *outras* (*liga-e-desliga* e *peteco*) teve duas ocorrências (4%), além de duas ausências de respostas (4%).

A variante predominante é *interruptor* e teve ocorrência em todos os pontos de inquéritos, com menor frequência no ponto 9 (Calçoene). A variante *tomada* não teve ocorrência nos pontos 4 (Laranjal do Jari), 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque), entretanto, teve predominância no ponto 9 (Calçoene) frente a variante *interruptor*. *Disjuntor*, *benjamim*, *apagador*, *receptor* e *contato* tiveram apenas uma ocorrência em localidades distintas. *Outras* (*liga-e-desliga* e *peteco*) teve ocorrência nos pontos 3 (Mazagão) e 7 (Tartarugalzinho). No que está relacionado à ausência de dados, as faltas de respostas se fizeram presentes nos pontos 8 (Amapá) e 10 (Oiapoque).

De acordo com a descrição da variação diasssexual e diageracional, a Tabela 4 mostra as respectivas variantes registradas.

Tabela 4 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem	Mulher	Grupo A (18-30 anos)	Grupo B (50-75 anos)
-----------	-------	--------	----------------------	----------------------

	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Interruptor	14	54%	12	46%	11	42%	15	52%
Tomada	4	40%	6	60%	4	40%	6	60%
Disjuntor	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Benjamim	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%
Apagador	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Receptor	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%
Contato	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Liga-e-desliga	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Peteco	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%
Sem respostas	1	50%	1	50%	2	100%	0	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 4, a variante *interruptor* ocorreu na fala dos homens com 14 ocorrências e das mulheres com 11 ocorrências, e teve maior frequência na fala dos informantes do grupo B (15 ocorrências) ao comparar com o grupo A (11 ocorrências). A variante *tomada* apresentou maior frequência na fala das mulheres (seis ocorrências) ao comparar com a fala dos homens (quatro ocorrências), com a mesma frequência sendo identificado na fala dos informantes que pertencem ao grupo B (seis ocorrências) e grupo A (quatro ocorrências). As demais variantes foram registradas apenas uma vez, com *Disjuntor* intercorrendo na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A, porém, em contraste com este fato, no aspecto diasssexual, a variante *benjamim* foi mencionada por uma informante que integra o sexo feminino. Para as ocorrências de *apagador*, *contato* e *liga-e-desliga*, nós identificamos, para as três variantes, uma aparição entre os homens que pertencem ao grupo A, entretanto, em discordância com este fato, a variante *receptor* foi mencionada por uma mulher do grupo B. Em relação à ausência de respostas, nós identificamos que houve registros na fala de um informante homem e uma informante mulher que pertencem ao grupo A.

A respeito dos três itens lexicais analisados (*141 – fuligem*, *142 – borralho* e *143 – interruptor de luz*), destaca o item borralho, pois, conforme Tabela 3, as variantes cinza e brasa parecem estar condicionadas a partir das variáveis sociais sexo e idade. A variante cinza destaca-se na fala de mulheres e de informantes do grupo B, já brasa tem maior incidência da fala dos homens e de informantes do grupo A.

Outro ponto a ser destacado, são as ausências de respostas, a carta *141 – fuligem* apresentou 18 ausências (42% de frequência), revelando que esses informantes não conseguiram nomear o item lexical perguntado. Para esta ausência surge duas hipóteses, a primeira diz respeito ao uso do fogão a lenha que, no Estado do Amapá, tende a não compor as casas mais urbanizadas como um utensílio de cozinha, dando espaço para o fogão a gás. A segunda hipótese é que, no momento da coleta de dados, tenha ocorrido uma incompreensão

do informante com relação à pergunta do questionário, gerando assim uma ausência de resposta.

Considerações finais

Este artigo teve como propósito investigar a variação lexical referente ao campo semântico-lexical *habitação*, no qual os itens lexicais foram analisados, cartografados e descritos. O banco de dados do Projeto ALAP continha três itens lexicais pendentes, sendo 141 – *fuligem*, 142 – *borralho* e 143 – *interruptor de luz*.

Para a carta 141 – *fuligem* a variante predominante foi *tisna* com 13 ocorrências (30% de frequência). No que diz respeito à carta 142 – *borralho*, a variante predominante foi *cinza* com 20 ocorrências (45% de frequência). A carta 142 – *interruptor de luz* teve predominância da variante *interruptor* com 26 ocorrências (58% de frequência).

Por fim, percebemos que o campo semântico-lexical *habitação* possui variantes predominantes já dicionarizadas, entretanto, também há variantes que possuem particularidades regionais e foram mencionadas com menor frequência no falar amapaense, como na carta 143 – *interruptor de luz*, que obteve as variantes *liga-e-desliga* e *peteco*. Assim, pretendemos, posteriormente, a partir desses resultados, ampliar esta análise lexical comparando com outros atlas linguísticos, além de verificar a dicionarização das variantes menos frequentes que também resguardam valor sociocultural e linguístico para os falantes.

Referências

- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e tecnologia, 1976 [1920].
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. S. (et al.). **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014, v. 1.
- CARLOS, V. G. Geolinguística: Desafios da metodologia pluridimensional. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 23, nº1, p. 38-51, jun. 2020.
- CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, P. **La dialectologia**. tradução de Camen Morán González. Visor Libros, 1994.

GILLIÉRON, J; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910, 1915.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1953.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, 2017, v. 61, n. 2, p. 303-317.

RIBEIRO, C; SANCHES, R. Atlas Linguístico do Amapá: estudos dialetais e método de pesquisa. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n° 1, p. 276-286, jan/jul. 2013.

ROMANO, V. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. Londrina, 2012.

ROMANO, V. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretexto**, Londrina, v.13, n° 02, p.203-242, jul./dez. 2013.

SÁ, E. J. de. Geolinguistic studies in Brazil in five phases: From the Viscount of Pedra Branca to the atlases of traditional communities' speech. **Journal of Humanities and Education Development (JHED)**, v. 2, n. 5, p. 338-349, Sep. - Oct., 2020.

SANCHES, R. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá**. Rio Branco : Nepan, 2020.

SANCHES, R; RIBEIRO, C. Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena. In: SÁ, E. J. de; OLIVEIRA, M. B. de; SANCHES, R. (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 193-217.

SANCHES, R. Variação linguística no Português falado no Amapá. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e498, 2021.

SCHNEIDERS, M. **Macroanálise Pluridimensional da Variação de <gurke/kummer> e <pfirsich/pesch> como Indicadores de Normatividade e/ou Dialeletalidade do Hunsrückisch**. 2017. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2017.